

Projeto de Doutorado: Representações sobre famílias em um grupo de escolas de Educação Infantil**Doctoral Project: Representations about families in a group of early childhood schools**

DOI:10.34117/bjdv6n4-439

Recebimento dos originais: 30/03/2020

Aceitação para publicação: 30/04/2020

Cristiane de Assis Lucifora

Mestre em Educação Sexual e Doutoranda no programa em Educação Escolar na UNESP de Araraquara

Instituição: Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Endereço: Rod. Araraquara-Jaú Km 1 - Machados - Araraquara/SP - CEP 14800-901

E-mail: cristiane_pbf1@yahoo.com.br

Luci Regina Muzzeti

Doutora em Educação Escolar

Instituição: Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Endereço: Rod. Araraquara-Jaú Km 1 - Machados - Araraquara/SP - CEP 14800-901

E-mail: lucirm@fclar.unesp.br

RESUMO

O Brasil é um país marcado por muitas desigualdades sociais, econômicas e culturais e que envolta por um discurso de busca por igualdade de direitos e oportunidades acaba por inviabilizar muitas problemáticas presentes em instituições como escolas. A instituição escolar é um dos locus de construção de *habitus* nos sujeitos e atualmente configura-se em um espaço onde principalmente crianças de Educação Infantil passam um tempo elevado. A Educação Infantil como um direito de toda criança e assegurada por documentos referências e diretrizes aponta a necessidade de uma escola que seja inclusiva e que estimule a criança em sua totalidade, porém há estudos que demonstram resistência para incorporar os trabalhos com gênero e sexualidade, que motivados por tabus sociais inserem-se limitando o que é visto como importante e necessário para se fazer presente no currículo escolar. Desta forma o referencial teórico que ancorará esta pesquisa é da Teoria Crítica tendo como principal autor Pierre Bourdieu e suas categorias analíticas que buscam, entre outras coisas, no universo escolar desestruturar a aparente ordem e arbitrariedade presente em algumas relações empreendidas neste contexto. Muitas transformações acontecem atualmente e dessa forma a indagação de que escola nem sempre mostra-se preparada para lidar com as problemáticas em curso faz-se presente; as famílias não seguem uma padronagem, mas sim complexificam-se cada vez mais, com número de membros, tipos de união, novos arranjos, assim como também por um posicionamento entre pais e mães diferentes dos concebidos como naturais para homens e mulheres. Sendo assim questiona-se quais as concepções de família mostram-se presente nas instituições investigadas e se tais concepções fazem parte de uma naturalização de condutas

construídos no seio da sociedade moldando o *habitus* dos sujeitos. O processo metodológico contará com inserção em campo registrando fotos de cartazes produzidos por professores e expostos nos pátios das escolas em datas como dia das mães, dia dos pais e na comemoração da família, assim como a realização de entrevista gravada com os gestores das instituições. A pesquisa será de caráter qualitativo que busca a percepção grupal por estes estarem em condições aproximadas em trajetórias e através do método praxeológico empreendido por Pierre Bourdieu.

Palavras-chave: famílias, Educação Infantil, gênero, sexualidade, *habitus*

ABSTRACT

Brazil is a country marked by many social, economic and cultural inequalities and that is surrounded by a discourse of search for equality of rights and opportunities ends up making many problems present in institutions such as schools unfeasible. The school institution is one of the locus of construction of habitus in the subjects and currently it configures itself in a space where mainly children of childhood education pass a high time. Childhood education as a right of every child and guaranteed by reference documents and guidelines points out the need for a school that is inclusive and that stimulates the child in their totality, but there are studies that show resistance to incorporate work with gender and sexuality, which motivated by social taboos are inserted limiting what is seen as important and necessary to be present in the school curriculum. In this way the theoretical reference that anchor this research is of the Critical Theory having as main author Pierre Bourdieu and its analytical categories that seek, among other things, in the school universe to structure the apparent order and arbitrariness present in some relations undertaken in this context. Many transformations happen nowadays and in this way the question of which school does not always show itself prepared to deal with the current problems actually; families do not follow a pattern, but rather they become increasingly complex, with membership, types of union, new arrangements, as well as a positioning between parents and mothers other than those conceived as natural for men and women. Thus, it is questioned which conceptions of family are present in the investigated institutions and if such conceptions are part of a naturalization of behaviors built within the society, shaping the habitus of the subjects. The methodological process will include insertion in the field, registering photos of posters produced by teachers and exhibited in the courtyards of schools on dates such as mother's day, fathers day and the celebration of the family, as well as the recording interview with the managers of the institutions. The research will be of qualitative character that seeks the group perception because these are in approximate conditions in trajectories and through the praxeological method undertaken by Pierre Bourdieu.

Key words: families, childhood education, gender, sexuality, habitus.

1 INTRODUÇÃO

Muitas são as facetas das desigualdades gêneros e estas contam com diversos meios de propagação dos ideais de divisão cultural e social entre homens/meninos e mulheres/meninas. Se sairmos deste binarismo que limita os sexos, as discussões são ainda mais complexas e repletas de tabus e segredos de forma que os sujeitos que fogem as “regras” reservadas para o sexo de nascimento sofrem diversas represálias em uma sociedade que estigmatiza e normatiza a dita normalidade heterossexual.

Na contemporaneidade ainda vemos que ao levarmos a discussão de gênero para as instituições escolares temos na maioria das vezes dois tipos de posicionamento, o estranhamento de um assunto que para muitos profissionais da educação não é adequado a este contexto e que portanto deve ser evitado ou o discurso de que as possíveis normas de gênero foram quase superadas gerando pouco ou quase nada de práticas que elevam uma categoria de gênero sobre a outra.

Muitos profissionais da educação buscam não comprometer-se com as problemáticas de gênero e sexualidade e quando tais questões entram no universo da educação infantil são limitados por manifestações incrédulas de que as crianças seriam capazes de compreender e refletir sobre tais assuntos. A visão acrítica sobre os sujeitos infantis predomina, limitando a possibilidade de discussão sobre o que para os adultos responsáveis pelo ensino é de extrema complexidade para suas mentes em formação.

Para compreender o universo das práticas escolares no que diz respeito a gênero e sexualidade é necessário mais investigações sobre as estruturas de formação pessoal e profissional que marcam a trajetória de professores e gestores influenciando também sua prática pedagógica. Entendendo que tais sujeitos tiveram sua construção identitária inserido no meio cultural de vivência o que gerou toda uma gama de assimilações tidas como naturais e outra série de rupturas possibilitadas também pelo meio que está imerso sendo importante reconhecer até que ponto tais construções marcam suas práticas escolares. Os sujeitos escolares responsáveis pelo ensino e aprendizagem inserem uma percepção democrática sobre os diferentes tipos de arranjos parentais ou reproduzem um ideário padronizado do que compreende como família?

A sociedade encontra-se cada vez mais diversa e essa diversidade se faz presente também nas configurações familiares. Cabe a escola viabilizar esses diversos arranjos parentais?

Documentos como Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil (RCNEI) e Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNEI) apresentam a importância de se desenvolver trabalhos voltados para a diversidade e incluem a possibilidade de trabalhos que incorporam a problemática de gênero.

Segundo FIGUEIRÓ (2013, p. 107)

Com relação à Educação Infantil, existem os Referenciais Curriculares Infantis (RCI), que, embora não apresentem diretamente uma proposta de ensino do tema sexualidade, trazem vários pontos dentro do conteúdo programático que dão margem ao ensino sobre corpo, gênero e todas as demais temáticas que a professora preparada e sensível conseguirá inserir.

As DCNEI de 2010 aponta a Educação Infantil como dever do Estado com a Educação e conquista de diversos movimentos como os das mulheres e dos trabalhadores. Tal segmento da escolarização é assumido por tal documento como um campo no qual se faz presente diversas concepções sobre crianças e em que se faz necessário o fortalecimento de práticas pedagógicas.

No que diz respeito ao currículo Os DCNEI (2010, p. 10) assumem currículo como “Conjunto de práticas e saberes que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 à 5 anos de idade”.

Pensar a Educação de forma integral passa pelo reconhecimento de que as questões de gênero assim como sexualidade devam estar presentes desde a tenra idade por diversos recursos pedagógicos e nas relações empreendidas pelos agentes nos muros da escola. Os documentos referências para tal seguimento de ensino reforçam que o trabalho com as questões de gênero são previstos e esperados já que fazem parte da formação dos sujeitos em desenvolvimento.

Compreender a família como inerente ao ser humano, sendo algo substancial e arbitrária culturalmente tira a importância de compreendê-la como produto cultural que marcando o *habitus* primário acompanha os agentes em suas trajetórias futura inclusive em seu ambiente de trabalho.

A instituição escolar entra neste contexto de inculcação de valores como um grande aliado e dessa forma contribui através de diversos mecanismos simbólicos e ideológicos com

a absorção de ideais que devam ser assumidos pelos atores sociais. Vários são os aparatos utilizados nesta inculcação presentes no currículo e que insere-se neste contexto com fins de moralização sutil.

O *habitus* assumido como instrumento conceptual que auxilia a pensar a relação entre os condicionamentos sociais exteriores e a subjetividade dos sujeitos e os processos de socialização acompanham os sujeitos nos diversos contextos. Segundo SETTON (2002, p. 58) “Ou seja, as ações práticas transcendem ao presente imediato, referem-se a uma mobilização prática de um passado (trajetória) e de um futuro inscrito no presente como estado de potencialidade objetiva”.

A pesquisa que aqui se delinea parte da tese de que a formação do *habitus* dos sujeitos responsáveis pela Educação Escolar, no grupo que será investigado, manifesta-se no conceito de família que é transmitido de forma sutil no seio da escola e que por apresentar-se de forma normativa exclui diversas representações de gênero e sexualidade.

2 JUSTIFICATIVA

Este trabalho constrói-se e motiva-se pela compreensão de que o processo de ensino e aprendizagem se manifesta nas escolas sem neutralidade e que essa ausência de neutralidade está carregada de construções ideológicas que motivados por uma pseudo norma ensinam condutas ancoradas por estereótipos considerados dignos de serem incorporados.

Os professores passam muito tempo nas instituições escolares se pensarmos que toda sua formação desde o ensino básico é construída vivendo o simbólico presente em tais instituições. Suas constituições identitárias voltadas para docência se dão inicialmente pela aprendizagem das condutas de seus professores e posteriormente ao ingressar nas instituições de ensino que preparam para lecionar, assim como nos estágios necessários para suas formações.

Minha formação profissional permitiu que eu revisitasse minha formação identitária anterior em relação a escolarização, principalmente por eu ter feito o curso de Magistério, e posteriormente na universidade ter tido uma experiência com o ensino e aprendizagem no qual para além de inserção dos conteúdos nos tivessem levado a pensar a formação completa dos sujeitos em processo de formação. Ao cursar Pedagogia pude refletir sobre muitas questões sociais que são naturalizadas e como currículo oficial ou oculto inseriam-se nas práticas escolares dos sujeitos responsáveis pelo ensino nas instituições.

Ingressando na prática pedagógica me deparei com diversos limitadores para empreender trabalhos que buscassem romper com certos ideários tidos como naturais ou tabus sociais. Me deparei com o que para mim mostrou-se o maior tabu que eram as relações de gênero e sexualidade; trabalhar tais questões era constantemente rejeitado e vinha acompanhado da desculpa de que a escola tinha que colocar-se neutra ou não chocar-se com as aprendizagens que as famílias gostariam de ensinar.

Entendendo que a escola não se faz a parte do contexto social e cultural e que as questões de gênero e sexualidade fazem parte da formação integral dos sujeitos me deparei com a minha primeira experiência de pesquisa do Mestrado que foi “A reprodução das desigualdades de gênero nos contos de fadas/maravilhosos como marcas circunscritas na Educação Infantil” e do qual nasceu a hipótese que permeia esta pesquisa que agora constrói-se de que a formação do *habitus* nos sujeitos responsáveis pelo ensino lhes acompanham em suas práticas escolares e que permeada de ideários limitam o que estes incorporam em suas manifestações escolares no que diz respeito à gênero e sexualidade.

A escola como instituição laica não deveria se opor aos conhecimentos historicamente e socialmente construídos pela humanidade, mas ao mesmo tempo não há um impedimento sobre o que é visibilizado e problematizado desde que esteja dentro de um consenso, nem sempre dialogado, mas reconhecido do que se espera aceitável de ser incorporado. As problemáticas de gênero assim como da sexualidade perpassam os sujeitos desde a mais tenra infância e formam em suas estruturas epistemológicas construções baseadas em suas vivências e aprendizagens seja formal ou informal.

3 OBJETIVO

3.1 OBJETIVO GERAL

- Identificar as concepções de família no que diz respeito à gênero e sexualidade presentes nas instituições de Educação Infantil investigadas;

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Perceber se as representações familiares estão ancoradas por fixações de gênero e sexualidade;
- Compreender se os responsáveis pela gestão escolar possuíram em seus *habitus* primários concepções enraizadas sobre um único tipo de família;
- Identificar se a constituição religiosa dos gestores influencia de forma a repelir a

inserção de diferentes tipos de constituição familiar;

- Perceber como as questões de gênero e sexualidade foram construídas nos participantes da pesquisa;
- Analisar à luz do referencial teórico Bourdieusiano e suas categorias de análise o material coletado por fotografias dos cartazes e entrevistas aos diretores das escolas pesquisadas;

4 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

Na contemporaneidade é possível perceber que os arranjos familiares fazem-se muito complexos e dinâmicos podendo seguir diversas classificações e delimitações. Essa complexidade familiar está presente também em grande proporção nas escolas e são chamadas por tal instituição a se fazerem presentes como colaboradoras e parceiras. O que questiona-se então é se a escola está preparada para lidar com toda essa complexidade de arranjos familiares e quais as concepções de família a escola reproduz ao fazer algum tipo de representação externa no qual a comunidade tenha acesso.

Segundo PEREZ (2014, p. 102)

As mudanças nas finalidades da família é resultado de um processo de profundas mudanças históricas, sociais, econômicas e culturais. Muitos aspectos contribuíram para a caracterização desse grupo, tal qual o concebemos em nossos dias, ou seja, como uma instituição que representa um espaço de educação e transmissão de valores e normas, bem como a expressão da afetividade entre seus componentes.

Para PEREZ (2014, p. 109)

A busca de uma boa relação entre família e escola deve fazer parte de qualquer trabalho educativo que tem como foco a criança. Além disso, a escola também exerce função educativa junto aos pais, discutindo, informando, aconselhando, encaminhando os mais diversos assuntos, para que a família e escola, em colaboração mútua, possam promover uma educação integral da criança.

A escola precisa se integrar as mudanças presentes na sociedade e em se tratando dos arranjos familiares tanto levar as diversas representações como meio de acolhimento quanto de inserção de modelos voltados para o respeito ao diverso. A escola segue moldes patriarcais

no qual pesa ainda sobre as mulheres, apesar do ingresso no mercado de trabalho, em que a responsabilidade sobre os filhos recai segundo CARVALHO (2000) mais sobre as mães do que pelos pais. A articulação entre escola e família não se dá de forma que essas duas instituições possam contar com uma efetiva parceria e troca positiva entre ambas; a ancoragem em papéis sociais fixos e pré-determinados ainda exclui muito ao contrário de atrair.

Como aponta LOURO (1997, p. 58)

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos.

LOURO (1997, p. 59) reitera

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios.

A escola contando com diversos mecanismos simbólicos ensina e reensina o que considera-se normal e aceitável. São princípios que nem sempre conscientes auxiliam na propagação de desigualdades e exclusões sociais.

Para BOURDIEU (2014, p. 59)

O efeito de dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos habitus e que fundamentam, aquém das decisões das consciências e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma.

Segundo JUNIOR & LIMA & MAIO (2014, p. 169)

A escola no desempenho de suas funções procura lançar mão de políticas na tentativa de integrar as famílias em sua rotina. No entanto, as mudanças ocorridas nas últimas décadas deram novos contornos aos núcleos familiares e o que se observa é que a escola desconhece em seus ritos escolares.

Em um contexto que se coloca diverso lança-se políticas que defendem a inserção das famílias na dinâmica escolar, mas dessa forma aparece diversos questionamentos sobre quais modelos de família apresentados por tais documentos e se os responsáveis pelo ensino e aprendizagem se veem preparados para inserir as famílias de forma diversa e ampla e se não o fazem os quais os impeditivos para tal bloqueio.

JUNIOR & LIMA & MAIO (2014, p. 173)

Ao refletir sobre essas políticas educacionais, perguntamos, de que modelos de família estão a falar? Porque a escola comemora o “dia das mães” ou “dos pais” fazendo referência a padrões heteronormativos, desconsiderando as demais possibilidades? Como recebe e se relaciona com a família e os alunos oriundos dela e que fogem aos seus padrões de normatividade?

A escola enquanto espaço que se deveria múltiplo integra toda a gama diversa dos sujeitos que lá transitam? As crianças veem suas famílias representadas de forma que possam se identificar?

Para JUNIOR& LIMA & MAIO (2014, p. 175)

Mesmo diante do processo de evolução da família são no cotidiano escolar que se presencia as práticas mais excludentes dessa organização, ao privilegiar em seus ritos escolares um estilo particular de exercício da paternidade/maternidade, baseado em um modelo tradicional de família, e poderá enfraquecer a autonomia dessas organizações e a liberdade dos pais e mães. Essa questão é marcante em datas comemorativas como “dia das mães” e “dia dos pais”, feito através do reforço de um discurso heterossexista, baseado em categorias heteronormativas, atribuindo causas e consequências para os sujeitos que não correspondem aos seus padrões de normatividade.

A criança se considerada sua formação integral deve ter a dimensão da sexualidade e gênero incorporada no currículo escolar, já que o contrário aponta uma visão sobre ela que

normalmente a coloca como sujeito passivo que está inserida no contexto escolar apenas para absorver conteúdos sem capacidade de crítica e compreensão.

Segundo SILVA & NUNES (2006, p. 93)

Neste processo todo, como vimos, a sexualidade infantil recebe significações e condicionamentos históricos e direcionados. Quando a criança se encontra frente ao adulto e ao mundo encontra-se plenamente, com todas suas dimensões. Negar-lhe a formação sadia da sexualidade é negar-lhe um elemento fundamental do ser. Toda educação é, portanto, sexual, seja ela reprodutiva, castradora ou libertadora. Não há possibilidade de compreendermos uma educação integral da criança alijando a dimensão sexual.

As questões de gênero e sexualidade fazem parte da dimensão humana, estando presente em todas as fases de formas muito diversas. Incorporar tais questões visando a visibilidade da pluralidade no qual os sujeitos estão imersos faz-se uma possibilidade muito rica e positiva.

Para FURLANI (2011, p. 72)

“Resgatar a contribuição” é visibilizar sujeitos e seus feitos sociais a partir de representações positivas. Toda visibilidade está relacionada a um processo complexo um processo de reconhecimento identitário, de desenvolvimento de um positivo senso de pertencimento, de valorização humana e de resgate da autoestima, de construção de um orgulho pessoal e coletivo capaz de impulsionar as pessoas. Essas pessoas são múltiplas em gênero, em sexualidade, em raça, em etnia, em condição física, em origem social. Essas pessoas são crianças, são jovens, são adultos, e as representação identitária positiva é um passo importante à resistência dos modelos excludentes e à construção de uma sociedade mais justa, mais diversa, mais equânime na oferta e na exigência de direitos e deveres civis e políticos para todas/os.

5 METODO

A pesquisa será realizada em dez (Divisão de regiões na cidade) escolas de Educação Infantil presentes em contextos diferentes na cidade de São Carlos interior do estado de São Paulo. O Ensino Infantil é assumido como o primeiro seguimento do ensino básico e abarca as faixas etárias de 0 à 5 anos sendo ofertada pelo setor público pelas prefeituras e no caso das unidades de atendimento à criança nas instituições de ensino superior pelas universidades. É dividido em Maternal/Creche que vai de 0 a 3 anos e Educação Infantil de 3 a 5 anos.

A inserção em campo será feita mediante liberação da aplicação do trabalho pelo Comitê de Ética sendo assim feito registros de cartazes expostos nos pátios das escolas em datas como dia das mães, dia dos pais e na comemoração da família (sujeita a definição de data pelo corpo escolar), assim como aplicação de entrevista gravada com os diretores das escolas participantes.

O roteiro da entrevista será elaborado seguindo os pressupostos teóricos metodológicos empreendidos por Pierre Bourdieu no qual estarão presentes perguntas que busquem identificar a formação dos *habitus* dos sujeitos entrevistados e as marcas em suas trajetórias pessoal e profissional voltadas para gênero e sexualidade.

Também será realizado registro das manifestações simbólicas (cartazes) nos espaços coletivos em que estes diretores trabalham com posterior Análise de Imagens.

A análise das imagens assim como dos escritos presentes nos cartazes buscará adentrar no universo simbólico daquilo que não é completamente exposto, do que se coloca de forma tão sutil que adentra nas mentes como arbitrário. Os diversos sujeitos que circulam pelo espaço escolar nem sempre param para observar o que se coloca exposto em cada manifestação simbólica, mas o aprendizado de condutas se faz lá presente como que algo natural e inevitável.

Segundo JOLY (2008, p. 10)

De fato, a utilização das imagens se generaliza e, contemplando-as ou fabricando-as, todos os dias acabamos sendo levados a utilizá-las, decifrá-las, interpretá-las. Um dos motivos pelos quais elas podem parecer ameaçadoras é que estamos no centro de um paradoxo curioso: por um lado, vemos as imagens de uma maneira que nos parece totalmente “natural”, que, aparentemente, não exige qualquer aprendizado e, por outro, temos a impressão de estar sofrendo de maneira mais inconsciente do que consciente a ciência de certos iniciados que conseguem nos “manipular”, afogando-nos com imagens em códigos secretos que zombam de nossa ingenuidade.

A construção da imagem passa por alguém que a produz ou a reconhece. Por trás da construção de um cartaz por exemplo está a constituição do (s) sujeito (s) em relação ao que é representado, seus conceitos e forma de interagir com o meio.

Sendo assim a pesquisa será de caráter qualitativo que busca a percepção grupal por estes estarem em condições aproximadas em trajetórias e através do método praxeológico

empreendido por Pierre Bourdieu que busca a objetividade na exterioridade e a exterioridade na objetividade.

O conteúdo das entrevistas será analisado sob a perspectiva da Análise de Conteúdo, seguindo as diferentes fases descritas por BARDIN (2010): a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

6 RESULTADOS ESPERADOS E CONTRIBUIÇÕES

Acredito que os resultados mostrarão resistência por parte dos gestores e equipe escolar em se trabalhar com uma perspectiva ampla de constituições familiares por estes encontrarem-se repletos de ideários que assenta uma normatização e naturalização sobre um único tipo familiar que é a heterossexual, no qual pesa em grande medida ainda dentro deste molde a cobrança principalmente sobre as mulheres para que se encontrem dentro de ideais de feminilidade e maternagem que exclui muitas vezes as transformações que estas passaram ao longo da história ingressando no mundo do trabalho externo ao lar. Outras complexidades também são excluídas nessas representações como as famílias em que só um responsável cuida, ou no qual as crianças são criadas por avós, assim como os novos arranjos frutos de novos enlaces constituídos após uma separação.

Acredito que o estudo em questão contribui para a compreensão e visibilidade de que a escola mantém, apesar de laica, mecanismos ideológicos que reafirmam um modelo padrão como o ideal e que assim podendo reconhecer os bloqueios que impedem uma democratização maior seja possível pensar nos motivadores que impedem que discussões maiores sejam feitas.

Compreender o que em nossas formações identitárias nos causam certos bloqueios para incorporar determinadas problemáticas faz-se um positivo caminho para a busca de superação de preconceitos e a possibilidade de abrir-se para pensamentos realmente democráticos com respeito ao próximo.

REFERENCIAS

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa/Portugal: Edições 70. 2010.

BOURDIEU, P. *A Dominação masculina*. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: BestBolso. 1ªed. 2014.

_____. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: Bourdieu, P. *Escritos de Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes. 2015.

CARVALHO, M. E. P. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, n. 110, p143-155. 2000.

FIGUEIRÓ, M. N. D. *Educação Sexual no dia à dia*. Londrina: Eduel. 2013.

FURLANI, J. *Educação Sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica. 2011.

JOLY, M. *Introdução à análise da imagem*. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus. 1996.

JUNIOR, I. B. O. et al. Família Versus Escola: a imposição de um padrão heteronormativo, sexista e monocultural. *Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*. 2013, n.1 e 2, v. 18, p. 169-184. ISSN 1413-2060.

LOURO, G. L. *Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas*. Pro-Posições, v. 19, n.2 (56) – maio/ago. 2008.

PEREZ, M. C. A. Intervenções pedagógicas no contexto da família, educação infantil e ensino fundamental: possibilidades de aproximação e enfrentamentos. *Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*. 2013, n.1 e 2, v. 18, p. 101-111. ISSN 1413-2060.

Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. Brasil. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEB. 1998.

_____. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEB. 2010.